

12 Os “pequenos notáveis”: fragmentos de leituras das espacialidades geográficas

**Maicon Fiegenbaum;
Roselane Zordan Costella**

**Parte III – Continuidades e Rupturas na Busca
do Entender as Espacialidades**

Selo postal: é um artefato com um duplo papel comunicacional. De um lado, se comunica legitimando a circulação de correspondências. Por outro, comunica-se através de seus elementos imagético-verbais.

Geografia: é uma disciplina escolar essencial para a formação de um cidadão atuante e crítico, construindo e dando novos sentidos às noções de espaço e tempo, de conhecer e produzir explicações sobre o mundo.

Em um olhar mais aprofundado, o selo postal, para muitos, é um pequeno pedaço de papel colorido colado em cartas e atualmente esquecido. Para outros, o selo aparece como um *hobby* – o “rei dos passatempos e o passatempo dos reis” – e que movimentava anualmente cerca de US\$ 16 bilhões.

Ao cruzar estes dois caminhos – o selo postal e o ensino de Geografia – nos lançamos em uma grande incógnita. É possível uni-los? Os selos postais têm potencial para serem utilizados como material didático alternativo e enriquecedor ao ensino da Geografia? Como a utilização dos selos postais em sala de aula permitiria a construção do conhecimento geográfico?

Apesar dos inegáveis atrativos que os modernos meios de entretenimento proporcionam aos jovens, não se pode dei-

1 O colecionismo de selos é considerado o “rei dos passatempos” por ser o *hobby* mais difundido do mundo. Mas também é conhecido como o “passatempo dos reis”, pois, entre seus adeptos estão a família real inglesa – dona da Royal Collection, considerada a mais valiosa do mundo –, a rainha da Holanda, os já falecidos príncipes de Mônaco, o rei Faruk do Egito e o czar Nicolau, da Rússia, além dos reis da música John Lennon e Elvis Presley, e inúmeros presidentes e personalidades influentes.

xar de constatar que estes pequenos notáveis podem ser utilizados no ensino da Geografia.

Façamos uma pausa e retornemos às lembranças de nossas infâncias, quando tínhamos por volta de 8 ou 9 anos. Quem nunca, depois de tardes inteiras brincando na rua, voltava para casa com os bolsos cheios de pedras? Ou de bolas de gude, cartas, mas poderiam ser tampinhas, latas, postais, cartões telefônicos, moedas, ou qualquer outro objeto que tivesse chamado nossa atenção? E, por volta desta mesma idade, porque não poderiam ser selos postais também? Afinal, conforme uma máxima da sabedoria popular, “quem guarda tem!”. Tem em pequenos objetos ferramentas afetivas, ferramentas de enumeração, de ordenação, de imaginação, e de construção do raciocínio lógico-matemático. E através de suas imagens, os selos postais podem potencializar o surgimento da imaginação geográfica.

Nessa mesma faixa etária, onde nos encantamos pela junção de fragmentos de nosso mundo próximo, também surge o prazer pelo aprendizado. E por que não aprender Geografia através dos selos postais?

Em seu poema “Prazer filatélico”, Carlos Drummond de Andrade compartilha seu fascínio por esses “pequenos notáveis”:

COLECIONE SELOS e viaje neles
por Luxemburgos, Índias, Quênia-Ugandas.
Com Pedr’Alvares Cabral e Wandenkolk
aprenda História do Brasil. Colecione.
Mas sem dinheiro?
Devaste os envelopes da família. Remexa as gavetas.
Há barbosas efigies imperiais à sua espera. [...]
Troque. Vá trocando, passe a perna,
se possível. Senão, seja enganado,
mas acrescente sua coleção de postas magiares, moçambiques,
osterreiches, japões, e seu prestígio
há de aumentar: o baita
coleccionador da rua principal.

Não é o caso de propor a nossos alunos que, com este ato, se tornem filatelistas³ mirins. Mas no gesto de juntar coisas aparentemente inúteis pode surgir um grande prazer pelo aprendizado. Este ato de colecionar e de viajar através dos elementos imagético-verbais dos selos postais é uma das primeiras atividades que podem levar uma criança a romper as fronteiras do nosso pequeno mundo imediato, percebendo que existem outros países, pessoas que deveriam ser ilustres (afinal, estavam ali representadas naquele pequeno

2 In: ANDRADE, Carlos Drummond. “Menino Antigo” – Boitempo II, 1973.

3 Filatelia é um ramo do conhecimento, cujo objetivo é o colecionismo de selos postais. O termo vem do grego *philos* (referente ao amor) e *atéleia* (aquilo que é pago antecipadamente, livre de encargo ou imposto). Em tradução para o português, o filatelista é o “amigo do selo”.

pedaço de papel colorido), paisagens encantadoras, unidades monetárias distintas da nossa. Enfim, um mundo inteiro a explorar!

E não apenas nós que vos escrevemos – ou Drummond em seu belo poema – sobre o quão interessante é juntar coisas. Fernando Pessoa nos diz que “os compradores juntadores de coisas inúteis sempre são mais sábios do que se julgam, compram pequenos sonhos”. (PESSOA, 2010, p. 295).

Como destacou Pessoa (2010) a arte de juntar objetos inúteis, na verdade, é a junção de resguardar sonhos. Mas para colecionar ou propor intercâmbios entre a Geografia e o selo postal, não basta apenas juntar estes fragmentos coloridos. É preciso elencar, classificar, traçar um roteiro em busca dos selos ou do objeto desejado. É buscar por estampas brilhosas daqueles pedacinhos picotados do mundo que melhor se adaptem ao nosso objetivo.

Uma evolução nos sistemas de comunicação: o selo postal começa a ser concebido

O selo postal projeta os valores do país emissor e divulga a cultura em seus variados aspectos, reafirmando o papel dos Correios como agente de integração, não apenas pelo efetivo elo entre os homens, mas agregando, com as imagens dos selos, mais vida e riqueza ao processo de comunicação. Em sua missão de registrar eventos, fatos e datas de destaque no contexto histórico, econômico e sociocultural, a Filatelia se apresenta como ciência auxiliar de outros ramos do conhecimento (FONSECA, 2008, p. 24).

Consideramos o selo postal como sendo um veículo informativo de enorme poder cultural e também de grande potencial pedagógico, além de possibilitar o diálogo e o convívio entre os homens, as organizações e até os países. Produzidos aos milhões, estão em contato com um incontável número de pessoas de todas as classes sociais, culturas, credos e religiões, de todos os países, sendo por isso, um excelente meio de divulgação das imagens do país, de entretenimento e cultura.

Mas a pergunta que fica é: “Como se deu a concepção destes pequenos, mas notáveis papéis coloridos que são colados em correspondências para seu franqueamento?”

A evolução nas comunicações interpessoais se deu a partir das mensagens iniciais, simbólicas, por sinalização visual e por sons – como os sinais de fumaça e os tambores –, passando pelas mensagens gravadas em pedra, em tabuletas de argila, depois em papiro até o papel. Na pintura rupestre, na escrita cuneiforme até o alfabeto fenício, o pai dos alfabetos ocidentais, no papel chinês e nas mensagens escritas à mão na Idade Média até a prensa gráfica de Gutenberg. Do código morse e o telégrafo, passando pelo rádio, pela televisão, pelo telefone e fax. Muita coisa mudou no sistema de comuni-

cação e envio de mensagens até chegarmos às formas atuais, informatizadas, digitais, via satélite, serviços de mensagem de texto, via celular, ou correio eletrônico, via internet.

Mas o salto significativo na forma e no poder das comunicações interpessoais se deu com o início do século XIX, a partir da reforma dos sistemas de Correios. O “Velho Continente” sofreu grandes transformações com o advento da Revolução Industrial, sobretudo na Inglaterra. O desenvolvimento acelerado de muitas cidades, o êxodo rural, e o progresso das transações comerciais, incrementaram significativamente o volume de correspondências. O porte, neste momento, ainda era pago pelo destinatário. Tal prática trazia graves problemas, tais como a ineficiência no controle do sistema e a grande evasão de receitas.

Essa invenção modificou significativamente o rumo das comunicações humanas. Pensemos em nosso cotidiano: quem nunca vivenciou uma greve nos Correios e ficou atormentado com o atraso nas postagens das contas mensais ou daquele livro que você tanto precisava naquele momento? Quem hoje trabalha como profissional liberal ou comerciante nos grandes centros urbanos e que fica mais de uma semana sem acessar o correio eletrônico?

E isso não é só de hoje. Ao longo da história sempre que nos deparamos com algum acontecimento de grande relevância o correio está praticamente sempre presente. Ele é o meio mais barato e de fácil acesso para a maioria da população, desde o início, em que os mensageiros corriam dezenas de quilômetros a pé para servir somente a realeza, até nossos dias, com a evolução das formas de envio das mensagens.

Mesmo com a introdução de modernos conceitos de comunicação ainda teremos o correio como principal referência no envio e recebimento de todo o tipo de material. Por muitos anos ainda estaremos dependentes deste fundamental tipo de comunicação. Encaminhar e receber mensagens são necessidades humanas, presentes desde quando as sociedades começaram a se organizar em núcleos cada vez mais complexos.

Mas foi a partir do século XIX, que começaram a serem realizadas transformações significativas que resultaram em um acesso maior ao sistema pela maioria da população. A universalização do sistema ocorreu, basicamente, por dois motivos.

Em primeiro lugar, os países europeus cancelaram todas as licenças dadas à particulares durante os séculos anteriores e transformaram os correios em um serviço público estatal, para servir a todos os cidadãos e não apenas ao Estado.

O segundo evento que contribuiu para a melhoria dos serviços de correios foi a criação do selo postal. Até então as remessas custavam caro e, na maior parte dos países, deviam ser pagas pelo destinatário – e não como é

na atualidade, onde quem paga é o remetente – o que por vezes dificultava a entrega de cartas por falta de pagamento.

Porém, esse sistema de portes pagos pelos destinatários tinha muitos inconvenientes. Dentre tantos, analisaremos apenas três: havia o fato das tarifas serem cada vez mais caras e muito altas para a maioria da população, o que inviabilizava uma parcela muito significativa desta, de se inserir no sistema de troca de correspondências e informações. O segundo fato é que, podemos supor que os carteiros de bolsos cheios de moedas resultantes da cobrança das tarifas (já que o pagamento era feito apenas em dinheiro), eram alvos fáceis de roubos ou eram vítimas dos salteadores de estradas, o que gerava um ônus aos governos e criava um clima de insegurança aos trabalhadores que faziam o sistema funcionar. E um terceiro ponto é que as pessoas, ao se corresponderem, combinavam alguns “truques”, que eram códigos previamente combinados e postos nos envelopes de tal modo que poderiam identificar o conteúdo da mensagem sem ter que pagar pelo porte.

E foi dessa forma que surgiu uma lenda a respeito do aparecimento do selo postal. Conta ela que, certo dia, num pequeno vilarejo no interior da Irlanda (outros remontam ao País de Gales), em meados de 1836, um homem de 42 anos aproveitava seus dias de descanso após um longo período de estudos dedicados a reformular o serviço dos Correios britânico. Vale destacar que, nesta época, a Grã-Bretanha passava por profundas transformações de caráter social, político e econômico, fruto da Revolução Industrial em curso, que marcaram o auge do poderio econômico inglês, a passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade urbana e industrial, e a ascensão da Rainha Vitória ao trono, no ano seguinte.

Durante seu passeio matinal, este professor londrino avistou uma cena intrigante, que acabaria por alterar sua concepção da reforma dos Correios e o tornaria um dos principais vultos históricos da Filatelia. Ao passar por uma estrada, de repente, ouviu uma discussão entre um mensageiro do correio – tentando entregar uma carta – e uma jovem camponesa, que se recusava a recebê-la. Após assistir o ocorrido, o professor foi ao encontro da jovem, para lhe indagar sobre os motivos da recusa:

–Por que a senhorita não pagou pelo recebimento da carta? Por acaso era desconhecido, o remetente?

–Não, pelo contrário! Era uma correspondência do meu noivo, que está estudando em Londres.

–Mas, então, qual a razão para recusá-la?

–Tenho códigos previamente combinados com ele, que são marcados em forma de sinais no exterior da carta. Basta manuseá-la para entender a mensagem, sem a necessidade de abri-la, economizando o dinheiro da taxa dos Correios! (ALMEIDA e VASQUEZ, 2003, p. 16).

Foi então que o cavaleiro que assistiu a cena, Sir Rowland Hill⁴, ofereceu-se para quitar-lhe a quantia, e assim por fim ao episódio. O carteiro agradecido pela generosidade ainda reclamou que essa era uma prática muito difundida na região, onde as pessoas olhavam e olhavam os envelopes e jamais aceitavam as cartas, fazendo com que ele voltasse todos os dias com a sacola cheia para a agência da cidade, e ainda ouvir as recriminações dos superiores, que também não aguentavam mais devolver para Londres todas as cartas recusadas. Assim, segundo Almeida e Vasquez, Sir Rowland Hill, sugeriu:

Uma decisiva modificação no sistema postal inglês, contendo dois pontos principais: a cobrança antecipada do valor do porte e a regulamentação da taxa segundo o peso, e não mais segundo a distância e o número de páginas, o que tornava extremamente complexa a operação e cálculo do valor (ALMEIDA e VASQUEZ, 2003, p. 19).

Como forma de comprovar o pagamento antecipado da taxa, Hill sugeriu a utilização de “um pedaço de papel de tamanho suficiente para receber uma estampa, coberto na parte traseira com goma, que o portador poderia, aplicando um pouco de umidade, prender na parte posterior da carta” (ALMEIDA e VASQUEZ, 2003, p. 19).

Esse recibo do pagamento pela postagem de uma correspondência (selo postal), era colado na carta e inutilizado com a oposição de um carimbo indicando o lugar da expedição. Assim, surge no dia 6 de maio de 1840, o primeiro selo a circular no mundo, que apresentava a efígie da rainha Vitória impresso sobre um fundo preto. Estava criado o *Penny Black*. Merece destaque o fato de que, até hoje, o Reino Unido é a única nação a não estampar em seus selos o nome do país, sendo que sua identificação continua sendo feita pela efígie da Rainha Vitória na parte superior deste.

O êxito desta técnica recém-surgida foi espantoso, fazendo com que rapidamente, tal como rastilho de pólvora, esta inovação britânica fosse copiada por outros países nos quatro cantos do mundo. Agora, a bordo das novas técnicas de locomoção, como as ferrovias e seus “fumegantes cavalos de ferro”⁵ e os navios, não apenas pessoas e mercadorias poderiam viajar a longas distâncias, mas também as mensagens escritas em cartas.

4 “Além de ter sido o responsável pela reforma do sistema postal britânico, o professor e inventor Rowland Hill (1795-1879) desenvolveu um modelo educacional voltado para a classe média. Há três estátuas erguidas em sua homenagem na Inglaterra, custeadas por subscrição popular” (SANTOS, 2013, p. 43).

5 “Fumegante cavalo de ferro” é uma expressão utilizada pelo índio-chefe Cacique Seattle para as locomotivas a vapor, em seu “Manifesto da Terra-Mãe”, uma carta enviada ao então presidente dos Estados Unidos da América, no ano de 1855, após a sua proposta a uma tribo indígena para a compra de boa parte de suas terras, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra “reserva” (BROWN, 2006).

Porém, após o aparecimento de toda técnica, nem todos os lugares e nem todas as pessoas tinham condições ao acesso às cartas e conseqüentemente aos selos. Um bom exemplo é o fato de que o selo postal, por si só, demorou mais de três anos para deixar a Inglaterra e chegar ao Brasil, segundo país do mundo a adotar a novidade.

Mas voltemos ao surgimento do comércio internacional e da utilização do selo postal. Briggs e Burke (2006) novamente nos alertam para o fato de que esta é uma visão bastante idealizada do ocorrido. Segundo os autores,

as taxas de analfabetismo, embora decrescentes entre 1840 e 1870, ainda eram altas, e muitas pessoas pobres tinham de empregar intermediários para escrever cartas e ler as respostas. O líder político Richard Cobden deu as boas-vindas ao selo postal, não somente sob o aspecto político – ele tornava possível mobilizar a opinião pública em favor do livre comércio –, mas também sob o aspecto moral. Agora havia um novo estímulo para aprender a ler e escrever (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 134-135).

Se a criação de um sistema postal criou uma condição moral para um aumento nas taxas de alfabetização da população e uma condição favorável para a difusão dos ideais liberais-burgueses na Inglaterra de meados do século XIX, novamente estamos falando em condições idealizadas, aquém da realidade. Na verdade, o sistema postal britânico se desenvolveu antes que o sistema educativo nacional fosse planejado. Sir Rowland Hill, modernizador do sistema postal e “pai” do selo postal, chamou os correios de “poderosa máquina de civilização” (BRIGGS e BURKE, 2006).

Além destes argumentos, o selo postal costumeiramente era visto como um símbolo de “unidade imperial”. Basta analisar o fato de que, os primeiros selos postais, quase sem exceção, traziam em seus elementos imagético-verbais, as cifras correspondentes ao pagamento da franquia ou o busto dos soberanos que governavam os impérios do século XIX.

Após o seu surgimento na Europa, estavam dadas as condições para o selo postal se alastrar pelo mundo. Eis então que, o primeiro lugar em que ele aportou, em 1843, foi no Brasil.

“O olho-de-boi é que engorda o filatelista”: o surgimento do selo postal no Brasil

A partir de um pequeno pedaço de papel, que carrega arte e criatividade, é possível despertar o desejo de se manter atualizado sobre qualquer tema. O colecionismo de selo, em sua prática, pode revelar aspectos diferenciados a respeito de uma nação ou de um povo e sua cultura, destacando a pintura, a música, a fauna, a arquitetura, o esporte, a religiosidade, entre outros assuntos. Os selos recebem abordagens que privilegiam um recorte detalhado da temática explorada (CORREIO FILATÉLICO, 2014, p. 20).

A invenção do selo postal como comprovante de franqueamento é apenas um capítulo muito recente na história da comunicação humana. Os sistemas de correios para envio de mensagens escritas também surgiu muito antes da invenção do selo postal. E em nosso país não foi diferente. Os sistemas de correios já eram organizados muito antes do advento do surgimento do primeiro selo postal.

Se buscarmos na história, alguns antecedentes da importância das cartas e dos correios para a constituição de nossa nação, vamos remontar a três acontecimentos:

1 - Nosso país é, por certo, um dos poucos países do mundo que teve como primeiro acontecimento, dito histórico, pela visão eurocêntrica a nós ensinada nas escolas, marcado e descrito por uma carta, ou seja, a carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota de Cabral, que contava ao rei de Portugal as maravilhas da nova terra recém-descoberta.

2 - Um outro importante fato histórico digno de registro é que a Proclamação da Independência do Brasil também está ligada a uma carta. Foi a carta do rei de Portugal, acompanhada de cartas da princesa Leopoldina e de José Bonifácio, transportadas a cavalo até São Paulo pelo carteiro Paulo Bregaro (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2005), que motivaram D. Pedro a proclamar a Independência.

3 - E por fim, embora às inúmeras controvérsias, também foi por intermédio de uma carta, o decreto assinado pela Princesa Isabel, a Lei Áurea, que proibiu legalmente a escravidão em nosso país.

A Inglaterra havia emitido seus primeiros selos postais em 1840. A novidade, enfim, chegou ao Brasil. Mas em que contexto se deu o seu aparecimento por aqui, muito antes de outras nações desenvolvidas?

As mudanças nos serviços postais na Inglaterra estavam inseridas num contexto econômico e político mais amplo. Tornava-se estratégico para o Império o controle do mercado nas colônias, e o sucesso das transações comerciais a distância dependia diretamente da eficiência nos serviços de troca de correspondências. As estreitas relações comerciais e políticas entre o Império brasileiro e o britânico no período favoreceram a absorção quase imediata da novidade entre nós, antes mesmo que outras nações economicamente mais desenvolvidas adotassem tais medidas. Com população de aproximadamente 6 milhões de habitantes, vivendo principalmente na zona rural, dependendo da força do café – o “ouro verde” –, o Brasil adotou, ainda em 1842, o modelo de reforma postal sugerido por Rowland Hill, sendo o segundo país a implantar o novo sistema de serviço dos Correios baseado na cobrança antecipada da taxa (por meio do selo) e no cálculo da despesa segundo o peso das cartas (ALMEIDA e VASQUEZ, 2003, p. 23).

Estava criada a série *Olhos de Boi*. Concebida pelo Decreto nº 255, de 29 de novembro de 1842, os Olhos de Boi, foram emitidos em 1 de agosto de 1843. Tal fato representou uma mudança nos serviços postais brasileiros, pois

permitiu a arrecadação da franquia adiantada, melhorando a receita dos Correios, e, também, a agilidade das entregas.

Como destaca Guapindaia (2012), dá-se muita credibilidade à visão avançada do imperador D. Pedro II em adotar este sistema inovador, logo após o seu lançamento, e que foi responsável por melhorar as comunicações no país.

Entretanto, para além do personalismo, é preciso atentar para o significado político da adoção dos selos em um país de independência recente, que buscava coesão interna e a afirmação frente ao cenário mundial. Nessa época, o desafio das autoridades que assumiam o país era firmá-lo enquanto nação e manter a unidade em um território extenso. Além disso, passava-se por um período de aumento das trocas comerciais internacionais, havendo a necessidade de se tornar as comunicações mais rápidas e as distâncias mais curtas (GUAPINDAIA, 2012, p. 26).

E quais eram os elementos imagético-verbais estampados nos primeiros selos postais brasileiros? À época da criação do *Olho de Boi*, o primeiro selo brasileiro e segundo do mundo – diferentemente do que ocorrera na Inglaterra, onde o selo *Penny Black* estampava a efígie da Rainha Vitória – o Imperador D. Pedro II não permitiu focalizar sua efígie no selo, a fim de que os carimbos que seriam utilizados pelos empregados dos Correios, no serviço de obliteração, não maculassem sua soberana face. Podemos perceber então que, no período Imperial, o Brasil emitiu selos postais num padrão que utilizou apenas cifras. Sobre isso, Gomes e Salcedo, afirmam que

disso podem resultar duas observações: a emissão de selos postais brasileiros, de 1843 até 1866, não seguiu um acentuado padrão internacional de estabelecer seu lugar de sujeito falante, por meio das efígies dos soberanos, dos brasões e escudos de armas e dos nomes dos países propriamente ditos. Essa escolha manteve o Brasil, a partir de um olhar atento sobre esses artefatos, no anonimato, visto que, suas emissões não tinham tipo algum de simbologia que remetesse ou representasse o império. É possível reconhecer uma recorrência padronizada a partir das cifras estampadas nos selos postais adesivos brasileiros de 1843 até 1866. Além disso, é interessante perceber que todos esses selos tiveram, também, um outro padrão recorrente: a sua nomenclatura alusiva aos animais (GOMES e SALCEDO, 2013, p. 100).

Além destas novas tecnologias, uma das formas de tentar formar uma nação integrada consistiu também na divulgação da imagem do imperador como símbolo da unidade que se queria conquistar, ou conforme Almeida e Vasquez (2003, p. 66), de “fortalecer e legitimar a figura do monarca”. Apesar de seu potencial nesse sentido, a faceta simbólica dos selos não foi explorada senão em período posterior.

Portanto, a adoção dos selos postais no Brasil, em conjunto com a reforma postal, representaram apenas o marco inicial da tentativa de construir um país integrado, quer simbolicamente, quer territorialmente.

O maior valor do selo postal reside no fato de ele estar sempre se comunicando – seja pela troca de correspondência entre pessoas ou por seus elementos imagético-visuais – e, para isso, precisa sempre estar evoluindo. São pequenas obras de arte que circulam mundo afora e mostram o quanto os Correios emissores se preocupam com o aspecto evolutivo dos processos de criação e impressão, apresentando, sempre, novidades na representação dos motivos temáticos abordados.

O tempo passou. O sistema evoluiu e se modificou. Aliás, evoluir, sempre! É o que tem permitido ao selo postal estar em constante evidência, apesar de seus 177 anos. É o que o permite estar ainda em evidência, apesar de vivermos nesta “era da internet”, onde os modernos sistemas de correio eletrônico e de correspondências virtuais permitem maior agilidade no envio e recebimento de mensagens.

Desde 1840 até hoje, o selo postal foi e é utilizado com um duplo papel comunicacional. Ao mesmo tempo, ele serve aos propósitos econômicos dos sistemas de comunicação postal, atende às necessidades de agentes sociais dos mais diversos, participa e contribui do sistema de produção e circulação econômica, e de informação. Por outro lado, ele sempre serviu com o propósito de representação dos feitos humanos, para o bem e para o mal, dos valores, das culturas, das cores e encantos dos países emissores. Conta em elementos imagético-verbais das belezas aos horrores ocorridos no mundo nos últimos dois séculos.

Pequenos, mas notáveis!

Mas afinal, quem liga para estes pequenos pedaços de papéis coloridos e inúteis colados em cartas velhas e esquecidos, em um tempo de correio eletrônico, de mídias mais atrativas que invadem este mundo globalizado em nossas escolas?

Entretanto, já pararam para pensar no quanto o selo postal pode se transformar em um formidável recurso como auxiliar ao processo educativo? Os selos postais representam fonte inesgotável de entretenimento e cultura. De simples comprovantes de franqueamento dos Correios, transformaram-se em expressivos retratos do país, importante meio de comunicação e pequenas obras de arte, incentivando uma forma saudável de colecionamento e intercâmbio entre os povos.

Normalmente não damos o devido valor ao selo postal. No nosso corrido e ocupadíssimo cotidiano, aceitamos esse artefato como um pequeno e insignificante fragmento de papel descartável que indica a taxa a ser cobrada ao remetente de uma correspondência. Estes pedaços de papel coloridos intrigantes nem são percebidos como documentos. Mas eles são.

O seu processo de construção tem um início, meio e fim. Além de um valor ou função social atribuído pelo Estado, é ele quem indica a tarifa corrente às comunicações postais. Mas não apenas isso. É um artefato documental que percorre o mesmo sistema de produção capitalista como qualquer outro objeto tecnológico (SALCEDO, 2010, p. 142).

Não são apenas em suas imagens que percebemos todo o potencial que o selo postal pode proporcionar ao ensino da Geografia. O regime de informação na qual ele está inserido implica produção, circulação e consumo do mesmo. Para cada selo emitido, novas leituras geográficas são proporcionadas. O selo postal não só difunde informações a respeito do país que o emitiu. Ele pode servir também para corroborar discursos determinados pelas condições do regime ao qual está inserido. Além disso, pode ser oportuno ampliar essa visão e estudar, também, as possíveis representações e usos sociais do selo postal, por meio da apropriação de novos discursos ou reformulações dos mesmos.

Ela pode ser entendida como uma viagem percorrida por outros mundos, por diversas temáticas. Pode ser percebida como um mundo em cores e picotes, que é sedutor e fantástico! E o colecionismo de selos postais é mesmo sedutor e fantástico, pois possui um grande potencial de aprendizagem ao lidar com a *curiosidade*, com o *desejo* e com os sonhos das grandes e pequenas descobertas, elementos tão caros e importantes ao ensino de Geografia, e ao mesmo tempo tão esquecidos.

Só assim poderemos verificar, de fato, como o selo postal, bem como os demais produtos simbólicos, agem para legitimar o Estado emissor. Nos termos de Salcedo (2010, p. 91), seria adequado entender que o selo postal tem uma “densidade ideológica, por centímetro quadrado, maior que qualquer outra forma de expressão cultural midiática”.

Desta forma, ao olharmos atentamente os elementos impressos nestes selos postais, fica evidente que o autor busca comunicar uma ideia, uma intenção através de sua visão de mundo. Nossos selos levam os encantos do Brasil aos mais remotos pontos do planeta. Reproduzem, nos traços e nas cores dos artistas que os idealizam, toda a riqueza, beleza e exuberância de nosso meio ambiente; perpetuam o rosto, os ideais e os valores dos personagens que escreveram nossa História; divulgam as metas e as conquistas de cada governo; ressaltam a criatividade que resulta de um país formado de diferentes etnias, mas único na expressividade das artes; promovem o folclore, os sons, os ritmos, as danças, a literatura, os temperos e os sabores, nossas paisagens. Formam uma bela coleção, que mostra ao mundo, com muito estilo, a perseverança e a simpatia do brasileiro. Em resumo, o selo postal é pura Geografia!

Fragmentos de tinta e alma de um mundo em miniatura

O que representa o selo postal, aquele pequeno pedaço de papel colorido colado em cartas como um recibo de correspondências? Em poucos centímetros quadrados, suas imagens representam o arquivamento de fragmentos de um mundo em miniatura, seja de paisagens, de pessoas e de culturas dos países em questão.

Quando nos deparamos pela primeira vez com um selo postal e o olhamos, a primeira impressão que temos é que se trata de apenas um fragmento de tinta, um pequeno papelzinho colorido sem grande importância nos dias de hoje.

Ao olharmos mais atentamente, podemos observar que não se trata apenas de um fragmento uniforme, mas de um objeto que contém várias informações. À primeira vista, pode-se observar uma, ou várias belas imagens, picotes, cifras, números, nomes de países, pessoas, fauna e flora, belas paisagens. Enfim, este selo postal também possui uma “alma”, que são as expressões materiais e imateriais, os costumes e a cultura do país emissor e de seus cidadãos.

Eles armazenam o “mundo”, contendo elementos diversos, parcelas de realidade a serem analisadas e decodificadas pelo olhar atento do intérprete (no caso, nossos alunos). Conforme nos diz Andrade (2001, p. 973-974) em seu poema intitulado *Coleção de Cacos*, nestes selos postais “tem países demais, geografias demais”. Alguns artistas têm a incumbência, através de seu olhar, de selecionar e “armazenar” fatos, paisagens e pessoas em fragmentos que servem como vestígios de um Estado emissor. Mas estas representações possuem um valor alegórico.

Uma alegoria é, no entanto, algo abstrato. Para apreendê-la é necessário amarrar a análise a elementos mais concretos. E este será o papel da Geografia Escolar. Para os que buscam se aventurar pelo mundo dos selos postais, cabe a eles reunir esses vestígios, esses fragmentos de uma totalidade perdida (que seriam todas as emissões daquele país), conforme seus propósitos e objetivos, para reconstruir, a partir destes cacos, as histórias e geografias que retratam o país. Se quisermos utilizar estes fragmentos de um mundo em miniatura em nossas aulas, é imprescindível a seleção dessas frações. Afinal, eles precisam merecer um lugar em nossas aulas de Geografia.

Todos esses fragmentos selecionados poderiam, enfim, construir a imagem e ajudar a compreender as geografias de nosso país. Cabe ao ensino da Geografia trabalhar todo o potencial das imagens, seja representando uma determinada realidade ou até construindo estereótipos sobre elas. Afinal, as imagens são constructos intencionais, e não a realidade. O papel do professor estaria de acordo com o poema *Coleção de Cacos*, de Carlos Drummond

de Andrade, onde há uma forte menção à memória em forma de cacos, de pequenos fragmentos que estão espalhados. Dessa forma, cabe ao professor juntar estes selos postais, reorganizar conforme seus objetivos, como um quebra-cabeça, a fim de reconstruir as imagens de uma realidade e dos espaços geográficos que esses representam.

Os selos postais são representações idealizadas por artistas através de uma (re)leitura do espaço geográfico. Eles estampam em traços e em cores toda a riqueza, beleza e exuberância de nosso meio ambiente. Perpetuam o rosto, os ideais e os valores dos personagens que escreveram nossa História. Eles também divulgam as metas e as conquistas de cada governo, ressaltam a criatividade que resulta de um país formado de diferentes etnias, mas único na expressividade das artes, promovem o folclore, os sons, os ritmos, as danças, a literatura, os temperos e os sabores, as nossas paisagens. Ou seja, exaltam o mundo, com muito estilo, com uma visão representacional (e simbólica) da cultura e do espaço brasileiro.

Diante destas características, *a priori*, consideramos o selo postal como uma imagem. “Imagens sempre operam simultaneamente mostrando e escondendo coisas” (GOMES, 2013, p. 31). Ainda sobre as características das imagens, Gomes nos diz que:

[...] Elas estão sendo consideradas exclusivamente como representações visuais, assentadas sobre diferentes suportes, contando com forma e conteúdo, de objetos, de pessoas, de sítios e dos seus correlatos significados. Interessamos tudo aquilo que possa ligar essas imagens aos lugares, ou seja, a posições relativas a um espaço de referência (GOMES, 2013, p. 27).

Afinal, as imagens podem ser consideradas enquanto expressões de sensibilidades que remetem ao mundo do imaginário, da cultura e do conjunto de significações tecidas em relação ao mundo. A partir da interpretação de traços e registros de uma determinada cultura, acionamos uma estrutura espaço-temporal que somada ao referencial teórico do investigador, permite que se elaborem tramas em um trabalho de construção capaz de produzir sentido. Aos poucos, as peças (selos postais) se articulam, oferecem diferentes combinações e revelam explicações que permitem uma leitura do espaço em diferentes tempos.

Ensinar Geografia aponta para diversos caminhos, dentre os quais está encontrar a cada dia que passa novas ferramentas que sejam utilizadas como possibilidades para que nossas aulas não sejam meramente informativas (o que, na realidade, a internet faz melhor), mas que sejam aulas construtivas. E uma alternativa para ser utilizada em sala de aula é o uso de imagens para o estudo da Geografia, para, a partir delas, desenvolver a construção do conhecimento.

Tonini nos dá a dimensão de como as imagens fazem parte de nossas vidas na contemporaneidade:

É indiscutível o lugar ocupado pela imagem no mundo atual. Sua centralidade na constituição dos significados sobre as coisas do mundo faz com que seja um dos *insights* atuais na fabricação das nossas subjetividades. Ela está presente em todas as atividades que desenvolvemos, quer fora ou dentro da sala de aula [...]. O ensino da Geografia certamente deve deter-se nessa nova cultura imagética, na tentativa de desenvolver uma pedagogia preocupada com a leitura das imagens [...] (TONINI, 2003, p. 35).

A linguagem visual, através de textos e imagens, nos é apresentada diariamente, no caminho do trabalho, da escola e do supermercado. A escrita e a imagem configuram-se como as principais linguagens utilizadas pelos meios de comunicação. As imagens em especial, são muito exploradas por apresentarem elementos emotivos, com cores, formas, expressões e evocações imediatas que chamam a atenção das pessoas. Por isso, não podemos ignorar a importância da imagem no processo educacional.

E de fato, vivemos numa era das imagens. Segundo Gomes (2013), grandes parcelas da comunicação e da informação são veiculadas por elas. Parece que qualquer coisa para existir exige estar fixada sobre um suporte imagético (sensações, momentos, experiências, pessoas, lugares). Cercados por elas, aprendemos a lê-las de forma intuitiva e, talvez, ingênua.

Mas a imagem é bem mais que parte de uma leitura ingênua e corriqueira. Devemos analisar sua capacidade de exploração como sendo uma ferramenta metodológica participativa de ação ao questionar-se o espaço geográfico e suas paisagens. Para o aluno, as imagens podem levar a uma interpretação sobre suas especificidades enquanto mensagem e também como cultura. No âmbito das mídias as imagens são de grande importância para a Geografia, pois, com alguns meios de análise elas deixam o seu caráter de simples imagens. Determinar as funções das imagens, decifrar seus signos, imaginar, ler “além” do que ela mostra visualmente, são critérios de referências a serem trabalhados pela Geografia Escolar.

Mas é fundamentalmente importante entender a imagem do selo postal como uma representação simbólica da realidade, que, todavia não é o espelho fiel dessa realidade. Logo, estes não podem ser aceitos imediatamente como representações fiéis do espaço geográfico e de suas relações. Como nos alerta Fonseca (2013, p. 19), “as representações são criações, construções com funções cognitivas importantes, mas que [...] não se livram das subjetividades e estão sempre distantes da realidade representada”. O problema é que, ao associar a ideia de representação com a imagem, predominou-se a visão reprodutora, que naturalizou a representação que utiliza a imagem como sendo um retrato do mundo real.

O selo postal, como uma representação visual, para ser analisado, depende do que Gomes (2010) chama de visibilidade, que depende de um campo de expressão, de um campo visual. É ela que indaga como o espaço pode ser um instrumento que torna visível certos elementos. E o lugar físico e o enredo, nos quais o objeto é exibido são elementos estruturantes desse cenário que é passível de uma leitura geográfica. Segundo Gomes (2013, p. 31), “as imagens das coisas não estão jamais separadas dos “lugares” onde elas são exibidas. Por isso há, sem dúvida, uma Geografia que participa diretamente da produção de significações que nos veiculam as imagens”.

Destarte, as imagens têm um papel importante no estudo da Geografia. A força das imagens nos dias atuais é inquestionável. Elas constituem material didático extremamente importante para o professor, pois revelam intencionalidades de quem as produziu, devendo ser contextualizadas e datadas. O trabalho com imagens pode ser muito útil como forma de ensinar como se produz leitura através do olhar. Isto é fundamental para a Geografia, pois a representação geográfica, seja pelos mapas, imagens, fotos, vídeos, selos postais e paisagens, sempre coloca em jogo o autor e as técnicas. Com isso, o professor pode utilizar uma variedade de materiais, como selos postais de diferentes épocas, fotografias, imagens de satélite, imagens representadas nos livros didáticos, de jornais, revistas, entre outros, sendo recursos bastante significativos para a construção e ampliação de conhecimentos geográficos.

Embora sejam tratados como um artefato imagético, os selos são repletos de conceitos e conteúdos a serem trabalhados em nossas aulas. São pontos de partida, funcionando como um dispositivo, despertando a curiosidade dos alunos para além da imagem representada. Pois a informação visual, para ser realmente compreendida, requer uma prévia aprendizagem. Ela não é nem natural nem espontânea. Ela possui uma linguagem própria que precisa ser apreendida. E essa decodificação se torna fundamental, visto que vivemos cercados de imagens visuais, imagens reproduzidas continuamente, e os selos não são exceção. Ou seja, o selo postal é uma complexa *composição*.

Segundo Gomes:

[...] A palavra composição traz exatamente à tona essa ideia de um jogo de posições que cria e faz circular significados na forma como coisas, objetos e pessoas estão dispostas sobre um plano. A composição é sempre um fenômeno passível de ser analisado sob um ponto de vista geográfico (GOMES, 2013, p. 47).

Dentro dessa perspectiva, podemos refletir sobre o seguinte ponto: um aluno não reflexivo tende, ao ser exposto à uma composição, selecionar de antemão os elementos primários desta, aqueles facilmente identificáveis. Por-

tanto, ao utilizar o selo postal, o objetivo não é apenas enriquecer a aula com um novo material didático, nem simplesmente ilustrar paisagens. Antes de tudo, é através dele que é possível ensinar aos alunos o ato reflexivo para ler o contexto, que seriam as interrelações entre os elementos, os objetos secundários não vistos na primeira análise. É possibilitar a leitura do ausente. Para isso, precisamos alfabetizar visualmente nossos alunos.

Conforme Santaella (2012), vivemos imersos em uma “verdadeira floresta de signos”. Aprendemos a lê-las de forma intuitiva. Com os selos não é diferente. Vemos representadas imagens e sabemos o que está sendo retratado. Mas, será que sabemos mesmo? Para buscar no âmagô a essência de toda representação por detrás de um selo, precisamos dominar suas regras de produção e representação, e torna-se necessário uma aprendizagem mais sistematizada, ou em outras palavras, uma “alfabetização visual”.

[...] A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade (SANTAELLA, 2012, p. 13).

Percebe-se que o papel do professor é fundamental nesse processo de “alfabetização visual”. O desafio que existe pela frente é grande e vai exigir cada vez mais aperfeiçoamento e estudo. Alunos possuem diferentes estilos de aprendizagem, que se expressam em distintas formas de representações. Uns são mais auditivos, outros são mais visuais. Uns precisam de textos que complementem as imagens. Outros precisam de imagens que complementem os textos. Enfim, as diferentes formas de expressão podem ser utilizadas para despertar a curiosidade do aluno, para depois, aproximá-lo das formas de expressão que lhe apresentem maiores dificuldades, orientando-o a desenvolver novas habilidades e a construir competências de aprendizagem.

Acreditamos que o professor consiga, através da utilização do selo postal, desenvolver fundamentalmente no indivíduo dois princípios básicos: o formativo, ao exigir o desenvolvimento de aptidões necessárias à alfabetização visual, e o informativo, ao proporcionar a aquisição de conhecimentos especializados relacionados com o tema escolhido. Dessa forma, o professor terá a oportunidade de encontrar caminhos para trabalhar com uma diversidade de informações geográficas de caráter visual, propiciando a partir delas leituras que permitam a construção dos conceitos geográficos, que instrumentalizados de acordo com os objetivos de ensino, concedam a construção

de habilidades e competências que possam direcionar o aluno à patamares cada vez mais elevados no processo de construção de seu conhecimento.

Como destaca Tonini (2003, p. 35), “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando ao mesmo tempo a forma como são elas construídas e o modo como operam na construção do conhecimento geográfico”.

Assim, por exemplo, a observação de uma imagem como o selo postal deve iniciar com uma pesquisa que se fundamente nas categorias de análise do espaço geográfico e nos fundamentos teóricos e conceituais da Geografia. Este recurso visual assume o papel de problematizador, de estimulador para pesquisas sobre assuntos provocados pela imagem. O uso do selo postal e demais imagens como recurso didático pode auxiliar o trabalho com a formação de conceitos geográficos, diferenciando paisagem de espaço e, a depender da abordagem dada ao conteúdo, desenvolver conceitos de região, território, lugar, sendo ponto de partida para atividades de observação e descrição. O uso das imagens como mobilização para a pesquisa e para construção do conhecimento deve levar o aluno a duvidar das verdades anunciadas e das paisagens exibidas.

O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. Já é de utilização corrente pela Geografia Escolar, materiais didáticos alternativos e linguagens que utilizam a literatura, os quadrinhos e charges, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas, entre outros. E porque não do selo postal?

Se as imagens sempre operam mostrando e escondendo coisas, então, é papel do professor de Geografia atentar para essas nuances escondidas, nas quais seus elementos são fundamentais para a leitura imagética e, consequentemente, para o processo de construção do conhecimento geográfico. Dessa forma, conforme Gomes,

[...] o ato físico do olhar é pouco criterioso e se nutre de um homogêneo e generalizado desinteresse. O olhar percorre e não se fixa. Por isso, ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar, significa conferir atenção, tratar esse algo como especial. A diferença entre olhar e ver consiste, portanto, no fato de que o olhar dirige o foco e os ângulos de visão, constrói um campo visual; ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual construído pelo olhar (GOMES, 2013, p. 31-32).

Sendo assim, é necessário ver “através” do selo. Devemos buscar extrair elementos que vão além do campo visual do olhar. A visibilidade é sempre dirigida e desigual, capturando o que desperta interesse nos alunos.

Por isso, ao se utilizar o selo postal nas aulas de Geografia, o professor não pode esperar que a turma encontre um consenso, que veja o que ele quer ou imagina. E eis o mais importante e enriquecedor: o aluno verá aquilo que lhe despertar a curiosidade, favorecendo a criação de um ambiente propício, onde ele será o sujeito do processo de ensino-aprendizagem, desde que o professor-mediador saiba como instigá-lo, desequilibrá-lo, permitindo os processos de abstração da realidade representada pelo autor do selo, conduzindo-o a refletir sobre a própria realidade, favorecendo dessa forma o processo de construção do conhecimento.

Vejamos o exemplo abaixo e os elementos primários que podemos facilmente identificar, ou seja, nos permitindo “olhar” o selo.

“Olhe” e “veja” esse selo postal



Fonte: Acervo.

Além deste olhar primário, generalizador, o que nossos alunos poderão “ver” através desse selo? Alguns poderão destacar a unidade monetária vigente, diferente da atual. Outros, o ano do lançamento de um transporte tão utilizado nas grandes metrópoles, sendo um evento muito recente em nosso país. Há quem verá a frase-motivo: “Metrô de superfície no Brasil – custo menor, transporte melhor” e se indagará que para chegar à escola todo dia, paga-se muito caro por esse transporte e em péssimas condições. Fazendo uma reflexão, verá que em todas as metrópoles nacionais ocorre o mesmo. Mas por que ele está superlotado e suas linhas são tão longas? Será que em 1985, era melhor ou esta, era apenas uma propaganda ideológica do governo daquela época? Porque ele não pode morar perto da escola e seus pais do local de trabalho? São tantas indagações que poderão surgir. São tantas possibilidades que estes fragmentos de tinta, papel e alma poderão propiciar à nossas aulas...

E a pergunta que fica é: “Porque esse material tão riquíssimo ainda está tão pouco presente dentro do espaço escolar?”. O que falta para que o

professor de Geografia explore esse potencial imagético e de representação das paisagens em suas aulas? Seria o problema, a falta de informação sobre o sistema de criação e circulação desse artefato? Ou o problema é pensar que, nesta sociedade tão midiaticizada, um simples pedaço de papel não atrairia a atenção do aluno? Essas certamente são algumas questões que perpassam o problema. Mas a maior adversidade é simplesmente não enxergar o potencial educativo e a forma de inserção dos selos, nas aulas de Geografia, de forma que as dinamize e estabeleça um estímulo para a alfabetização imagética e criação de uma imaginação geográfica, tão essencial para o processo de ensino-aprendizagem.

Mas o futuro desta tecnologia “analógica” está hoje parcialmente ameaçado pela tecnologia de comunicação difundida pela revolução técnico-científica-informacional. Se o telégrafo e o telefone não chegaram a restringir a difusão do costume de escrever cartas e enviá-las pelos correios mundo afora, o mesmo não se pode dizer da obstinação das telecomunicações e, principalmente, da internet, em tornar o hábito de escrever manualmente uma carta, ou cartão-postal, e despachá-la selada, um ato cada vez mais raro.

Outro ponto positivo à utilização do selo postal nas aulas de Geografia advém do fato de que ele é um patrimônio público, o que confere que, uma vez publicado, ele pode ser utilizado para a ilustração de textos didáticos, trabalhos, entre outros documentos, sem ter de pagar pelos direitos autorais.

Além disso, ele é um material abundante e barato. Sempre escutamos discussões sobre a falta de infraestrutura da escola pública e das dificuldades que o corpo docente possui em desenvolver práticas pedagógicas por falta dos mais distintos recursos. Nesse contexto, o selo postal é um recurso didático praticamente sem custo material para as instituições escolares e para o próprio docente, se enquadrando dentro do que Kaercher denominou de “Geografia do custo zero”:

[...] Porque não implicam em gastos extras nem tampouco recursos tecnológicos (nada contra eles, mas no geral não estão muito disponíveis nas escolas públicas do meu estado, da minha cidade). Uma simples folha xerocada e já temos, muitas vezes, matéria-prima para belas discussões e produções. O diferencial não é o computador, é dar o “clique” na turma (KAERCHER, 2009, p. 10).

A partir das práticas dentro deste contexto, que se denominou “custo zero”, o que importa no âmago não é o material em si, mas as reflexões despertadas tanto nos professores, como nos nossos educandos, onde nós, educadores, possamos desenvolver para eles, práticas desequilibrantes.

De que forma os selos postais podem se enquadrar nesta prática, visto que eles geralmente estão associado ao colecionismo de pessoas com alto

poder aquisitivo? De fato, este é um ponto a se considerar, visto que o selo mais caro do mundo, o *Black on Magenta*, um selo postal de 1 cêntimo, que foi publicado em 1856, na antiga Guiana Britânica foi leiloado em 2014, por mais de R\$ 30 milhões. Porém, é preciso considerar e esclarecer que a maior parte dos selos postais têm pouco valor. Não importa que sejam antigos e até anteriores a 1900. Por exemplo, um selo postal de um país ainda existente na atualidade, tais como Brasil, Portugal, Itália e tantos outros, 70% dos selos podem ser considerados baratos, 25% possuem um valor mais alto – variando entre R\$ 10, 00 e R\$ 100, 00 e só 5% são caros custando acima de R\$100, isto é, aos selos raríssimos de alto valor agregado, que correspondem a apenas 0, 01% dos selos existentes e que, por obviedade, não se enquadram dentro da proposta de utilização como material didático de custo zero. Ou seja, se o Brasil emitiu 3.407 peças filatélicas entre 1900 e 2016, conforme levantamento dos autores deste texto, teríamos aproximadamente 2.400 peças com potencialidade de serem exploradas em nossas aulas e que se enquadram nesta proposta da “gcz”.

Os selos postais também possuem um valor de catálogo, que é um valor determinado pela procura. Os selos de países muito procurados obviamente vão valer mais do que os de países, onde há poucos colecionadores, a não ser que se trate de selo temático, onde o valor é o mesmo para qualquer país. Existem selos caríssimos, por exemplo, da Holanda, Suécia, Noruega, Inglaterra, dentre outros, que são considerados excelentes países para se colecionar, devido à moeda forte, mas que aqui no Brasil acabamos vendendo muito barato devido a pouca procura.

Selos postais brasileiros também podem ser adquiridos em agências dos Correios. Neste caso, o valor de aquisição consiste na cobrança de seu valor facial. A maior parte dos selos postais variam de valores faciais de R\$0,80 a R\$2,80, sendo que é possível encontrar selos com valores de R\$0,01 e R\$0,05.

Outra forma de aquisição é a compra de lotes de selos nacionais ou universais em sites especializados. Esses geralmente podem ser adquiridos em lotes de 50, 100 e até 500 selos, novos ou usados, sendo que os selos usados são mais baratos. Por exemplo, em sites de filatélicas ou em suas sedes, é possível adquirir lotes de 100 selos por menos de R\$ 10, 00 (o que corresponde a menos de R\$ 0,10 a cada possibilidade de uma aula construtiva).

É possível participar de fóruns de colecionadores *online* e assinar revistas especializadas gratuitamente, como o Correio Filatélico (COFI), da ECT, onde pode-se desenvolver uma parceria de trocas mútuas de correspondências com outros colecionadores. Tenho como exemplo particular estas associações e assinaturas, onde anunciei gratuitamente meus itens colecionáveis e os propósitos da aquisição de material. Recebi inúmeras correspondências de colecionadores muito solícitos com o projeto de divulgação da filatelia nas escolas, e por acre-

ditarem que o selo postal pode ser utilizado como um material didático alternativo, nas quais recebi por doação uma quantidade grande de material para trabalhar tanto na pesquisa do Mestrado como em sala de aula.

E por fim, os selos postais podem ser adquiridos pela forma mais clássica e de custo zero que existe: desbravando gavetas e caixas velhas de pertences dos seus familiares, desvendando antigos envelopes. Coloque uma caixa de coleta de envelopes usados com selos postais na escola ou em seu trabalho. Solicite para aquele seu amigo ou familiar que trabalha em um escritório ou repartição pública que guarde aquele velho envelope que iria parar no lixo. As possibilidades de aquisição de um material riquíssimo e vasto em quantidade e qualidade de informações são múltiplas. Basta você, professor, querer utilizar este material didático alternativo em suas aulas de Geografia.

Não há restrição de turma e idade para se trabalhar com os selos postais. Porém, consideramos que este material possui grande capacidade de utilização em turmas do 6º Ano do Ensino Fundamental. Ao selecionar, observar, analisar, interpretar e sistematizar as informações imagético-verbais contidas nos selos postais, podemos esperar muita participação dos nossos alunos (sim, pequenas coisas ainda os atraem nesta idade), muitas descobertas, dúvidas e questionamentos. Muitos temas e conteúdos de Geografia surgirão. E tudo isso de um material que se enquadra na Geografia do custo zero.

Ainda (re)ssignificando as ideias de Kaercher (2009) sobre a “gcz”, com o auxílio do selo postal e de seu poder imagético representativo, é possível pensar acerca do consumo das classes sociais, as relações sociedade-natureza. Além disso, pode-se estudar as transformações das paisagens, políticas, econômicas, tecnológicas, dentre outras. Tudo isso em um produto simbólico, criado por um Estado, vislumbrando que eles sejam “janelas para o mundo” de nosso país (sem contar que pensar o Estado não é uma questão histórica, mas também geográfica).

Um material didático alternativo que se enquadra na “gcz”, tal qual o selo postal deve propiciar inúmeras interações entre o sujeito-objeto, na qual o sujeito seja desequilibrado, permitindo a construção do conhecimento geográfico. Neste cenário, elencamos alguns princípios que fazem do selo postal um recurso de grande valor para o ensino da Geografia:

- a) Através de seus recursos imagético-verbais, é possível adotar uma abordagem problematizadora e investigativa;
- b) É possível criar atividades que incentivem os alunos a exporem suas opiniões, discutir, interagir com os colegas e criar hipóteses;
- c) Não há uma leitura considerada correta. Logo, leva-se em consideração as ideias prévias dos alunos e suas leituras de mundo;
- d) Procuram representar as paisagens e seus atores sociais, por meio

- de imagens que sejam acessíveis e interessantes para os alunos, de acordo com os objetivos propostos;
- e) As imagens representadas são criações, e não a realidade. Por isso é necessário propor atividades que estimulem o aluno a pensar o espaço geográfico;
 - f) Estimulam o desenvolvimento de inúmeras competências e habilidades que vão além da leitura e da escrita, mas que são fundamentais para a construção do conhecimento geográfico.

Quando se utiliza materiais didáticos que se enquadram na *Geografia do custo zero*, o que se pretende é que ocorra uma interação do sujeito, com um dado objeto (como o selo postal e suas representações imagéticas), propiciando mecanismos para uma desequilíbrio-assimilação-acomodação que propiciem a construção do conhecimento. O potencial didático do selo postal depende muito da sensibilidade do educador em gerar desafios através de práticas criativas e descobrir novos interesses de seus alunos. Portanto, quando o aluno interagir com os selos postais, poderão ocorrer algumas possibilidades para a aprendizagem dos conceitos geográficos, para o desenvolvimento cognitivo, e ainda, contribuir para a formação de uma criticidade e um espírito investigativo e indagador, tão importantes para o ensino da Geografia.

Mas devemos lembrar que o selo postal é apenas um material didático alternativo de “custo zero”. O papel do material didático é fornecer meios para tornar o ensino dos conceitos geográficos mais prazerosos e dinâmicos no processo de ensino-aprendizagem. Porém, é sempre importante lembrar que nenhum material didático pode, por mais bem elaborado que seja, garantir, por si só, a qualidade e a efetividade do processo de ensino e aprendizagem. Afinal, não podemos nos esquecer que “não são os recursos didáticos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção” (VIEIRA e SÁ, 2011, p. 103). Eles cumprem a função de mediação e não podem ser utilizados como se fossem começo, meio e fim de um processo didático. O selo postal não foge à regra. Este é o papel do professor, o de problematizar os conteúdos e ressignificá-los, sempre que possível, aos anseios dos alunos e com a participação efetiva deles, como atores ativos do processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, diante da necessidade de diversificação dos meios de ensino, o professor precisa usar de sua criatividade frente às situações que surgem no cotidiano de sua prática pedagógica, tentando superar os obstáculos que se apresentam para que a construção do conhecimento geográfico seja realmente significativa aos seus alunos.

Por isso, é preciso transformar as informações contidas nos selos em conhecimento geográfico, utilizando conceitos que permitam uma (re)leitura. Porque não trabalhar o conceito de território? Mas talvez o que mais vem se

a se enquadrar é o conceito de paisagem, através de um questionamento de Costella: “Se o aluno apreende uma imagem segundo suas perspectivas, não seria essa imagem uma paisagem?” (COSTELLA, 2008, p. 43). E segue seu texto afirmando que,

[...] é importante compreendermos uma paisagem como um conjunto morfológico, mas como um conjunto de possibilidades filtradas pelo olhar do observador que lhe atribui significados, rede de significados naturais e culturais eleita, para que permaneça na memória como um registro espacial (COSTELLA, 2008, p. 44).

Nesta perspectiva, o selo postal se torna um material interessante para ser utilizado nas aulas de Geografia, pois veicula através de suas imagens, retratos de uma Nação, desde seu povo até suas paisagens. Eles são ferramentas educacionais que permite que uma aula seja criativa, lúdica e, ao mesmo tempo, propicia, através de um planejamento adequado com clareza quanto a seus objetivos, aos alunos para que assimilem o conteúdo, se habilitem na leitura da realidade socioespacial estudada e sejam competentes em “ler o mundo” (COSTELLA, 2014). As possibilidades de utilização das imagens e selos postais em sala de aula são bastante amplas e apresentam particularidades metodológicas, cumprindo com o papel de orientação para o desenvolvimento de novas técnicas pedagógicas.

A Geografia, auxiliada pela arte presente nas imagens dos selos, indica de que maneira se pode olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula a fim de compreender melhor a sua realidade.

À primeira vista, a representação imagética do selo pode ser um instrumento de direcionamento e exclusão, e cabe ao professor saber explorar essas diferentes facetas. É direcionada por possibilitar uma programação prévia, facilitando ou dificultando sua interpretação e, considerada excludente, uma vez que seleciona locais específicos dentro de um espaço, definindo ângulos e visões particulares do artista criador.

Além de tornar-se um documento oficial da história e da geografia de um país, o selo postal pode ser entendido como uma fonte de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de “materialização” de lugares e paisagens nunca antes vistas e visitadas por alguns. Não podemos, por exemplo, falar de Amazônia ou Cerrado, sem que o professor nunca tenha propiciado ao aluno imaginar estes espaços ou visto algumas imagens de suas paisagens e de seu povo. Um simples desenho no quadro ou uma descrição oral muitas vezes não é suficiente para a classe. Deparamo-nos com alunos que anseiam por recursos visuais, mas também auditivos, táteis ou o conjunto dessas exigências.

Sabendo explorar esses recursos possuíremos em nossas mãos um poderoso instrumento que mostrará uma “realidade” simbólica de diversos

lugares sem a necessidade de deslocamento. Assim tem-se “a possibilidade de ir a todos os lugares sem se quer ter conhecido-os” (OLIVEIRA JR., 1999).

Destacam-se nessa atividade vários aspectos, dentre eles, um processo de percepção onde a imagem representada no selo é definida em função de um ponto de vista específico, ou seja, da visão do artista criador, que diz respeito a seu próprio aspecto cognitivo, sendo esse um processo mental pelo qual os indivíduos (o aluno) através de seus interesses e necessidades, estruturam e organizam sua interface com a realidade, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significados.

As leituras das paisagens são múltiplas. A subjetividade está presente em cada leitura do espaço, na visibilidade de seus elementos. Assim como já supracitado, se cada aluno ler o selo conforme sua visão, extraíndo elementos do simples olhar, conferindo atenção, então estará se propiciando de uma capacidade de reflexão sobre de uma determinada paisagem representada, mas também de território, de espaço geográfico.

Mas afinal, quantos selos postais brasileiros possuem de fato representações paisagísticas em suas representações imagéticas?

Com o auxílio do *Catálogo de Selos do Brasil – RHM 2016* (MEYER, 2016) e o *Álbum de Selos do Brasil Marek* (2012) identificamos a existência de 3.407 peças filatélicas emitidas pelo Brasil entre 1843 e 2016. Destas 3.407 peças filatélicas em questão, identificamos a existência de 396 peças que apresentam elementos paisagísticos. Isso corresponde a pouco mais de 11% das emissões filatélicas brasileiras. Muitas outras peças podem ser utilizadas em nossas aulas, pois são representações gráficas estilizadas e estereotipadas que podem ser ressignificadas para trabalharmos alguns conteúdos curriculares da Geografia.

Para fazer esta análise, dividimos as emissões brasileiras em quatro categorias: os selos imperiais (1843-1900), os selos do início do período republicano até os “Anos de Chumbo” da Ditadura Militar (1900-1967), as emissões dos “Anos de Chumbo” e do “Milagre Econômico” ao “Novo Milênio” (1968-1999), e as emissões do “Novo Milênio” à contemporaneidade (2000-2016).

Com o auxílio do *Catálogo de Selos do Brasil – RHM 2016* (MEYER, 2016) e o *Álbum de Selos do Brasil Marek* (2012) identificamos a existência de 160 selos postais emitidos na categoria Imperial. Sobre eles, resumidamente, podemos afirmar que os primeiros selos postais do Brasil tiveram como elementos visuais, sem nenhuma exceção, a efígie, o brasão e a cifra, e como elementos verbais o termo postal, o nome do soberano e, ainda, o nome do país escrito como *Brazil* e o nome da moeda corrente, ou seja, réis.

Além disso, é interessante perceber que todos esses selos tiveram também outro padrão recorrente: a sua nomenclatura alusiva aos animais (boi, cabra, gato, etc.), e, já com a Proclamação da República, com nomenclaturas

alusivas à esse período (o Cruzeiro do Sul, República, liberdade). E por fim, uma terceira característica dos selos deste período está no fato de que eles não apresentam nenhuma potencialidade de análise paisagística, o que não significa que não sejam importantes, pois possuem um forte apelo ideológico que buscava legitimar o Estado emissor. Por estes motivos, além do fato de que não se enquadram na *Geografia do custo zero* (KAERCHER, 2009), eles dificilmente seriam utilizados em sala de aula.

Referente à segunda categoria de análise, ou seja, as emissões entre 1900 e 1967, contabilizamos a existência de 940 selos postais no período. Destas 940 emissões de selos postais, em apenas 43 delas, era representado por algum elemento que configurasse aspectos da paisagem brasileira. Se contabilizássemos numericamente, as paisagens nos selos postais brasileiros aparecem em um pouco mais de 3% das emissões totais do período. Resumidamente, podemos constatar que as poucas emissões que trazem representações paisagísticas dos selos postais desta data, evidenciam as típicas paisagens de cartão postal das respectivas cidades, tais como os centros históricos, as belezas naturais ou grandes obras de arquitetura e, nesse sentido, há nestas representações o evidente destaque ao Rio de Janeiro.

Representações que evidenciam paisagens naturais são mais numéricas do que aquelas que simbolizavam paisagens culturais, sendo que as pessoas “comuns”, suas histórias e culturas são suprimidas, principalmente no que tange às representações do Rio de Janeiro. Afinal, essa “limpeza urbana” era importante na visão dos governantes e na veiculação de nossa imagem interna e externa, para estimular a atividade turística.

Quanto às emissões compreendidas numa terceira categoria, entre os anos 1968 e 1999, contabilizamos a emissão de 1.386 peças filatélicas no período. Ou seja, nas últimas três décadas do século XX, o Brasil emitiu mais selos postais do que em toda sua história postal anterior de 120 anos!

Destas 1.386 emissões realizadas pelo Brasil no período em análise, 150 peças filatélicas apresentam representações paisagísticas. Mas analisando o restante das emissões, vale destacar que há uma miríade de possibilidade de utilizá-las no ensino da Geografia, de acordo com os conteúdos da Geografia curricular, desde que ressignificados e adaptados aos objetivos propostos. Se contabilizarmos em termos percentuais, as paisagens nos selos postais brasileiros aparecem em um pouco mais de 10% das emissões totais do período.

Algo que se destaca nestas 150 peças filatélicas que representam nossas paisagens, é o número significativo de emissões que ressaltam “paisagens protegidas”, ou seja, evidenciam os patrimônios históricos, arquitetônicos e artísticos de nosso país, além de representações alusivas aos parques nacionais. Sendo assim, é importante o professor se indagar e indagar aos seus alunos a respeito de que até que ponto existem paisagens “naturais”, ainda intocadas

pela sociedade, ou de essas paisagens só estarem nessa situação onde existem interesses econômicos e turísticos. Tal indagação está alicerçada na grande capacidade que o ser humano adquiriu de modificar e transformar a natureza, fazendo com que sua influência chegue a lugares mesmo ainda intocados pela nossa ação física.

Desta forma, concebemos a paisagem e suas representações neste período como sendo produções culturais. Através das representações paisagísticas dos selos postais podemos, por exemplo, discutir quais sujeitos, suas práticas e seus espaços de atuação foram deixados de fora, ou quais foram representados de forma caricata. Também discutir porque a sociedade de classes mais desfavorecidas pouco são representadas, assim como as “paisagens culturais urbanas” são muitas vezes renegadas em detrimento das “paisagens naturais”.

Por fim, no que concerne às emissões compreendidas entre 2000 e 2016, identificamos a emissão de 921 peças filatélicas neste período, sendo que destas emissões, 203 peças filatélicas apresentam representações paisagísticas. Se contabilizarmos em termos percentuais, as paisagens nos selos postais brasileiros aparecem em um pouco mais de 22% das emissões totais do período.

Esse tempo em análise é o que mais apresenta peças filatélicas e de maior valor estilístico na representação das paisagens. Se nos períodos anteriores era o Rio de Janeiro e as cidades históricas mineiras que tinham grande relevância, agora são as representações alusivas à Brasília, sempre destacadas nos cartões-postais da cidade. Se no período anterior eram as representações que envolviam as paisagens naturais protegidas as mais representadas, agora são as representações de paisagens culturais, mais notadamente as urbanas, que aparecem.

Ao estampar imagens de praias, de monumentos históricos e de destinos pouco conhecidos, os selos espalham também informações sobre o patrimônio do país, algo que atinge mais que remetentes e destinatários. Mesmo em tempos em que o e-mail e os aplicativos para celular tornaram a comunicação à distância instantânea, a troca de cartas e o envio de encomendas ainda exigem a presença dos selos. Com o passar do tempo, o selo postal ultrapassou a finalidade original de comprovar a entrega de correspondência e tornou-se um transmissor da imagem das belezas naturais e culturais do país.

Principalmente neste período em destaque, as pessoas comuns, seus costumes, festejos, trajes, culinária e lutas sociais ganharam espaço em muitas emissões filatélicas. Afinal, o Brasil é feito de homens, mulheres e selos, e não apenas de vultos históricos, personalidades ilustres e belas paisagens. O cotidiano, a sociedade e nossas mazelas também ganham vida nestas representações paisagísticas, artísticas e simbólicas no “novo milênio”.

Que possamos trabalhar com muito mais do que as 396 peças filatélicas destacadas neste texto, pois muito mais selos postais apresentam potenciali-

dades a serem exploradas para auxiliarem no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

Considerações Finais

Com todos esses atrativos, porque não utilizar o selo postal como ferramenta de ensino? Porque não pode ser mais um auxiliar para os estudos de nossos alunos, para incentivar a cultura, a leitura (e dentro desta, a leitura imagética), ser um meio que desperta a curiosidade e instiga a investigação, onde é possível adquirir informações gerais e especializadas que, com o auxílio de um trabalho conciso, que trabalhe com os conceitos e que permita uma (re)leitura de mundo, possa transformá-los em conhecimento geográfico?

Podem parecer desnecessário e até mesmo soar repetitivo reiterar a importância da Filatelia na área educacional, mas infelizmente, nem todos têm esta visão, apesar das notórias evidências, principalmente aqueles que são responsáveis pela sua introdução nas escolas.

Utilizar selos postais em sala de aula implica construir competências de seleção e estruturação deles, em categorias. Implica também raciocinar, criar, imaginar, pesquisar, estudar e observar regras, além de relacionar-se com terceiros. Este conjunto de tarefas configura um trabalho natural de observação, análise e síntese, desenvolvendo competências e aumentando a capacidade de aquisição de novos conhecimentos com a consequente elaboração e expressão análogas. E mesmo o trabalho de leitura imagética já é de uma riqueza fantástica para as aulas de Geografia.

Sendo assim, necessitamos pensar o potencial pedagógico do selo postal e despertar o interesse nos educandos em utilizá-lo para fins de entretenimento, de realizações de pesquisas, de ilustração de trabalhos e de integração social. A ação também propõe alguns desafios, dentre eles, a prática do método científico como forma de observar, formular hipóteses e investigar as diversas áreas do conhecimento geográfico. Dessa forma, a utilização do selo postal poderá ter uma inserção nas aulas de Geografia como uma ferramenta que visa estimular a alfabetização visual, a imaginação geográfica e a construção do conhecimento (conjuntamente com os demais materiais didáticos). Eis o selo postal: este pequeno notável, de grande potencialidade para ser utilizado na aprendizagem, pois lida com a curiosidade, com o desejo e com os sonhos das grandes e pequenas descobertas!

Espera-se que essa construção auxilie os professores a utilizá-los segundo dois princípios: primeiro, porque são pequenos fragmentos, mas notáveis em proporcionar potencialidades para a construção dos conceitos e para o processo da construção do conhecimento geográfico, não se esquecendo que a nossa

matéria-prima mais valiosa não são estes “pequenos notáveis”. A nossa matéria-prima mais valiosa são outros “pequenos notáveis”, ou seja, nossos alunos.

Referências

ALMEIDA, Cícero Antônio de; VASQUEZ, Pedro Karp. **Selos Postais do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Menino Antigo – Boitempo II**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

_____. **Obra Completa**. Nova Aguiar, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. 2. ed. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

BROWN, Dee. **Enterrem meu Coração na Curva do Rio**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

CORREIO FILATÉLICO. **Arte e Música por Meio da Filatelia**. Brasília, n. 232, ano XXXVII, p. 20-21, 2014.

COSTELLA, Roselane Zordan. **O Significado da Construção do Conhecimento Geográfico Gerado por Vivências e por Representações Espaciais**. (Tese, Doutorado em Geografia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. 202 p.

_____. **Ensinar o quê... Para quê... Quando... Desafios da Geografia na Contemporaneidade**. In: TONINI, Ivaine M. *et al.* (Orgs.). **O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

FONSECA, Fernando Padovesi; OLIVA, Jaime. **Uma Cartografia Renovada: como Ensinar**. In: **Cartografia. Coleção Como Eu Ensino**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

FONSECA, Maria de Lourdes Torres. **Selos Postais: Fonte de Inovação, Arte e Beleza Promovendo a Comunicação**. In: **Correio Filatélico**. Brasília, n. 210, ano XXX, p. 24-25, 2008.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello; SALCEDO, Diego Andres. **A Comunicação Pública da Ciência por Meio dos Selos Postais: o Caso do Brasil no Século XX**. In: **Revista Redes**, n. 7, p. 258-270, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O Lugar do Olhar: Elementos para uma Geografia da Visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GUAPINDAIA, Mayra. **O Império e os Olhos-de-Boi**. In: **Correio Filatélico**. Brasília, n. 225, ano XXXIV, p. 25-27, 2012.

KAERCHER, Nestor André. **Ser Docente, ser Discente: Modelos e Identidades. Conhece e Revela-te Estudando a Cidade**. In: **ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**, 12.(??), 2009, Montevideo, Anais. Montevideo: Universidad de

la República, 2009. Disponível em: < <http://egal2009.easyplanners.info>>. Acesso em: 07/2016.

MAREK. **Álbum de selos do Brasil**. 2012.

MEYER, Peter. **Catálogo de Selos do Brasil**. 59. ed. São Paulo: RHM, 2016.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Concurso Público**: Ingresso no Curso de Administração Postal. Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT. Brasília/DF, 2005.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. **Turismo e Fotografia**: Continuidades Existentes na Construção da Imagem de uma Cidade. In: 5º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Anais do 5º ENPEG. Belo Horizonte, 1999.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SALCEDO, Diego Andres. **A Ciência nos Selos Postais Comemorativos Brasileiros: 1900-2000**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. 164 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, José. **Aproximando Pessoas**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2013.

TONINI, Ivaine Maria. **Imagens nos Livros Didáticos de Geografia**: seus Ensinamentos, sua Pedagogia. Fortaleza: Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 2, n. 04, 2003.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. **Recursos Didáticos**: do Quadro-negro ao Projetor, o que Muda? In: PASSINI, Elza Yasuko (Org.). **Prática de ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

